VINICIUS LUMMERTZ

Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo

Dois livros para o próximo presidente

Um mestre chinês ensinava por meio de conversas. Um imperador romano escrevia lembretes para si mesmo. Separados por séculos e civilizações, Confúcio e Marco Aurélio deixaram dois livros que continuam a fazer uma pergunta: como conduzir os outros sem aprender a governar a si mesmo?

Os Analectos reúnem ensinamentos e diálogos de Confúcio preservados por seus discípulos e sucessores. Falam de educação, convivência, responsabilidade e governo. Assim, aprender, reconhecer limites e transformar conhecimento em conduta são exercícios de sabedoria.

"Governar é retificar", responde Confúcio quando lhe perguntam sobre política. A expressão associa governo e retidão. Quem dirige deve começar pelo próprio comportamento: seu exemplo dá credibilidade às exigências que faz aos demais. É difícil ensinar honestidade por decreto quando a desonestidade encontra abrigo no comando.

Outra conversa trata dos fundamentos do governo. Confúcio menciona alimento, armas e confiança. Perguntado sobre o que poderia ser sacrificado, deixa a confiança por último. A autoridade precisa de um vínculo moral com a sociedade. Quando a palavra de quem governa perde valor, a obediência pode até permanecer, mas algo essencial se rompeu. Daí o desespero do povo.

Nos Analectos, a escolha dos auxiliares merece muita atenção: as funções públicas devem ser confiadas a pessoas de virtude e talento. E há uma distinção preciosa entre harmonia e uniformidade. A pessoa de caráter consegue conviver com diferenças. Concordar em tudo não é condição para cooperar. Verdades e diplomacia produzem confiança.

Na China, esse pensamento faz parte de uma longa tradição de formação moral e política. Depois de combatido no período maoísta, voltou a ganhar espaço na era de reformas aberta por Deng Xiaoping. Xi Jinping o incorpora expressamente ao discurso sobre governo. Em encontro com o primeiro-ministro da Malásia, em 2023, citou "governar é retificar". A fidelidade à lição se mede pelos atos.

Meditações tem outra origem. São anotações pessoais de Marco Aurélio, imperador romano do século II, sobre como viver e agir segundo a filosofia estoica. Um homem com tanto poder lembrava a si mesmo de ser justo, aceitar correções e não se deixar deslumbrar pelo cargo.

"Não percas mais tempo discutindo como deve ser um homem bom. Sê um." A advertência, em tradução livre, cobra coerência entre discurso e vida. Em outra passagem, Marco Aurélio se dispõe a mudar de opinião quando alguém lhe demonstrar um erro.

Diante da ofensa, aconselha: "A melhor vingança é não se tornar semelhante a quem praticou a injustiça". E recorda: "O que não beneficia a colmeia não beneficia a abelha". Autocontrole e bem comum se encontram. O ressentimento pessoal não deve comandar a ação de quem tem responsabilidades com os outros.

A leitura atravessa fronteiras: Bill Clinton apontou Meditações como seu livro favorito; o ex-primeiro-ministro chinês Wen Jiabao declarou tê-lo lido mais de cem vezes.

Aprender une os dois autores. Para Confúcio, o verdadeiro erro é cometê-lo e não o corrigir. Em Marco Aurélio, buscar a verdade vale mais que defender a própria opinião. São caminhos que nos convidam a adotar a verdade como baliza: reconhecer os fatos e ter coragem de mudar diante deles.

E nós? Nesta eleição, os campos políticos em disputa precisam responder por seu compromisso com a honestidade intelectual. Escolher um lado não obriga ninguém a defender seus erros. Quando derrotar o outro se torna o objetivo supremo, cresce a tentação de tolerar mentiras convenientes. Quem a defende, sabendo-a falsa, sacrifica a verdade pela lealdade à sua trincheira. Essa é uma das colunas da radicalização.

A mesma baliza vale para todos: Executivo, Congresso, Supremo Tribunal Federal e imprensa. Ninguém está dispensado de reconhecer fatos e corrigir erros. A guerra de versões desgasta a confiança e alimenta a angústia. O Brasil precisa de mais verdade. Podemos divergir sobre os caminhos sem fabricar os fatos que orientam nossas escolhas. Isso exige transparência nos números, promessas responsáveis e disposição para prestar contas.

Ao vencedor, no primeiro ou no segundo turno, sugiro esses livros, entregues também a cada ministro, assessor e auxiliar. Um novo mandato é uma nova oportunidade. O passado não pode ser mudado, mas sua sombra não precisa determinar o futuro. A cura começa no que fazemos agora e no futuro que decidimos construir. Quem errou pode reconhecer, aprender e fazer melhor.

Governar é retificar. Que o próximo presidente assuma essa responsabilidade desde o primeiro dia: dizer a verdade, corrigir os erros, escolher auxiliares à altura do cargo e colocar o bem comum acima da conveniência política. A confiança pública não se exige; conquista-se por atos. O Brasil vai ter mais uma chance. Mudar é importante.

VICTOR CORRÊA

Jornalista, mestre em Gestão e Políticas Públicas pela FGV

Bets: já foram tarde

O vício não aparece na vida de alguém por mágica. Geralmente encontra alguma brecha para entrar. Pode ser ansiedade, solidão, frustração, aperto financeiro ou a esperança de resolver a própria vida de forma rápida. O mercado das apostas online percebeu que havia muito dinheiro a ganhar justamente aí.

Bastava um celular para apostar e perder grandes quantias no conforto do próprio travesseiro. A comodidade, a facilidade com que se joga e o fato de que, no conjunto, os apostadores perdem mais do que ganham transformaram esse mercado em um negócio bilionário e disputado. E não eram poucos os fisgados. Segundo o Ministério da Saúde, em 2023, 10,9 milhões de brasileiros já apresentavam padrão de jogo de risco ou problemático.

O cérebro gosta de recompensa rápida, e as apostas online entregam isso a cada poucos segundos. Não é apenas ganhar que estimula. É a possibilidade de ganhar na próxima. O "vai que agora" ajuda a explicar por que perder uma vez, duas, dez vezes não faz alguém parar. Pelo contrário: a perda vira motivo para apostar de novo, na tentativa de recuperar o que se foi.

Conheço uma pessoa, vamos chamar aqui de Francisco, na faixa dos 40 anos, que trabalhava como motorista de aplicativo. Durante meses, apostou nas bets praticamente tudo o que ganhava. Primeiro, deixou de conseguir pagar as contas. Depois, a prestação do carro. Acabou devolvendo o veículo à concessionária. Sem carro, ficou também sem trabalho. Entrou em depressão profunda. Viu a esposa sair de casa.

Hoje, mora com os pais. Para quem estava de fora, ele tinha sido irresponsável, imprudente. É a leitura mais comum, e talvez a que mais atrapalhe: quem se sente julgado tende a esconder o problema, não a pedir ajuda. Agora, Francisco tenta se recuperar em grupos anônimos.

Francisco é o retrato das bets que nunca apareceu na propaganda.

Ganharam as empresas que operavam os jogos. Ganharam também aqueles que lucravam anunciando. Times de futebol, artistas e influenciadores emprestaram nome, rosto e credibilidade às bets. Fizeram isso durante anos sem o rosto corar.

A conta ficou com outros. O Instituto de Estudos para Políticas de Saúde estima em R$ 38,8 bilhões por ano o custo social das apostas no país, a maior parte ligada à saúde: tratamento de depressão e ansiedade, perda de qualidade de vida, suicídios. Em um ano de mercado regulado, a União arrecadou quase R$ 5 bilhões com as bets. E, desse valor, pouco mais de 1% foi para a saúde. A arrecadação não pagou nem uma fração do estrago.

O governo proibiu as bets da noite para o dia, menos de dois anos depois de o mercado regulado começar a operar. Fez isso por Medida Provisória, nove dias antes do primeiro turno, e houve quem enxergasse cálculo eleitoral nisso. Pode até haver. Mas, para mim, isso é secundário diante do principal: as bets foram proibidas. Ponto final (ou provisório).

A proibição das bets não acaba com o vício. Sites clandestinos existem aos montes. Só nesta semana, os ministérios da Justiça e da Fazenda pediram a derrubada de mais de 5 mil domínios ligados a apostas ilegais.

Basta olhar para algo que o Rio conhece há décadas. O jogo do bicho é proibido. Nem por isso desapareceu. Quem procura, encontra. E quase ninguém na cidade precisa de explicação sobre onde fazer uma fezinha. Mas o bicho nunca esteve no celular de todo mundo, 24 horas por dia, nem no intervalo do futebol, nem na boca de influenciadores. A proibição não zera a demanda. Reduz o alcance. E, para quem ainda não foi fisgado, isso faz toda a diferença.

Proibir fecha a vitrine, mas não trata quem já perdeu o controle. Durante anos, o mercado trabalhou para tornar a aposta fácil, rápida e onipresente. Agora, o poder público precisa fazer o caminho inverso: dificultar o acesso ao jogo e facilitar o acesso ao cuidado. As bets já foram tarde. Quem adoeceu com elas continua aqui.

LUCAS BERLANZA

Jornalista formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), colunista e presidente do Instituto Libera

Caso Master: quando as amizades chegam ao Ministério Público

O procurador-geral da República Paulo Gonet é citado pelo menos 33 vezes no relatório da Policia Federal divulgado por ordem de André Mendonça. Em troca de mensagens, o ex-advogado do caso Master Ciro Soares diz a Daniel Vorcaro que Gonet é "firme" e que "amizade é tudo", além de encaminhar mensagens do procurador ao banqueiro dizendo adorá-lo e estar com saudades e combinando detalhes de viagem do grupo para Londres.

Segundo o Conselho Superior do Ministério Público Federal, com direito a uma subprocuradora integrante do órgão usando tempo do seu voto para elogiar a gentileza e os modos de Gonet, não há motivos nem para investigar o PGR nem para afastá-lo do caso Master.

No caso da investigação, o placar foi 5 a 4 pela não-investigação. O não-afastamento foi unânime.

Como disse o grande João Luiz Mauad, colega de colunismo no Instituto Liberal, fica difícil entender o que se passa na cabeça, principalmente, dos 4 que votaram a favor de uma investigação de Gonet, mas julgaram que, tornando-se investigado, mesmo assim poderia permanecer responsável pelo caso.

Não importa; nada mais precisa fazer sentido neste país. O que importa é que Gilmar Mendes celebrou efusivamente no X a vitória/blindagem de seu querido amigo. Como disse Ciro, amizade é tudo, especialmente se forem os amigos certos.